

O TIGRE NO ANO DO DRAGÃO

THE TIGER IN THE YEAR OF THE DRAGON

Márcia Schmaltz*
Universidade de Macau

RESUMO

Este ensaio descreve a representação simbólica do tigre na cultura chinesa, levando em consideração alguns aspectos antropológicos e literários para demonstrar a importância do felino com status similar ao do dragão neste modelo cultural.

PALAVRAS-CHAVE

Estudos culturais, tigre, dragão, cultura chinesa.

A personificação de animais tem sido objeto de estudos em vários campos das Ciências Humanas. Popularmente, a imagem da China é representada pelo dragão, mas o uso do símbolo era uma prerrogativa do imperador, tendo o tigre um papel menor no âmbito da representação simbólica. Nas últimas décadas, investigações em sítios arqueológicos parecem confirmar a hipótese de que o tigre seria um símbolo de utilização mais antiga e de maior prestígio em relação ao dragão.¹ Neste ensaio realiza-se um recorte pelo viés dos modelos culturais com pressupostos “[de] certos modelos de mundo que são amplamente compartilhados pelos membros de uma sociedade e que desempenham um papel importante na compreensão de mundo e no comportamento social de seus membros.”² Através da revisão de literatura das áreas antropológica e literária, o ensaio arrola evidências significativas que demonstram a importância do tigre comparada à do dragão neste modelo cultural.

UMA LENDA SOBRE O TIGRE

Tendo em conta que o habitat natural do tigre é a Ásia, registre-se que, antigamente, o felino era encontrado nas montanhas e florestas do Nordeste, Sul e Sudoeste da China, em duas subespécies, o tigre-siberiano (*panthera tigris altaica*) e o tigre-do-sul-da-china (*panthera tigris amoyensis*). O felino é caracterizado pelo seu grande tamanho e pelagem de fundo alaranjado e listras pretas. Para os chineses, a composição

* marcias@umac.mo

¹ CAO. *Shén hǔ zhèn xié* [O tigre divino retém o mal] e WANG. *Zhōngguó hǔ wénhuà yánjiū* [Uma investigação da cultura do tigre na China].

² HOLLAND & QUINN. *Cultural Models in Language and Thought*, p. 4.

das riscas na fronte do felino remete ao ideograma 王 *wáng* [rei],³ o que lhe confere uma situação de honra nesta cultura.

Uma antiga lenda chinesa⁴ narra que, em períodos imemoriais, o tigre era o guardião da entrada do Palácio Celestial. A certa altura, as feras terrestres resolveram atacar as aldeias, causando grandes males à população, a tal ponto que nem o guardião terrestre conseguia contê-los, tendo que pedir socorro aos Céus. O felino foi destacado pelo Imperador Celestial para essa missão, que teve de consentir dar ao tigre a devida condecoração, caso conseguisse vencer as feras.

Chegando ao plano terrestre, o tigre constatou que o leão, o urso e o cavalo eram os animais mais ameaçadores à segurança humana. Logo, o felino os desafiou e, com a sua ferocidade, derrotou-os. Outras feras, ao saberem da superioridade do tigre, trataram de fugir para dentro das matas desabitadas, para de lá nunca mais saírem. O povo festejou a vitória e agradeceu ao tigre. Ao voltar ao plano celestial, o Imperador condecorou-o com três listras horizontais (三 *sān*, [três]) na fronte, simbolizando as três feras derrotadas. Tempos depois, quando uma tartaruga gigante do mar Oriental liderou hordas de camarões e caranguejos no ataque à terra, mais uma vez foi enviado o tigre para reprimi-las. Ao exterminar a ameaça, o Imperador Celestial riscou uma linha vertical sobre as listras horizontais (王 *wáng* [três]) já existentes na fronte do felino, formando o caractere 王 *wáng* [rei], conferindo-lhe o título de rei dos animais. A partir de então, a figura de tigre é costurada em peças de vestuário, ou esculpida em acessórios que são colocados nas entradas e saídas que funcionam como amuletos para afastar o mal, como alguns exemplos ilustrados nas figuras 1 a 5.



FIGURA 1 - Tigres de pano com a inscrição 王 “rei” na fronte.

Fonte: Liang Baohai, Agência Nova China, 8/6/2006.

³ Os ideogramas são escritos em chinês simplificado e as transliterações fonéticas do chinês para o português estão em *pinyin*, grafia adotada oficialmente pela República Popular da China desde 1964 e 1979, respectivamente. Todas as traduções são de responsabilidade da autora. As aceções ou traduções livres do chinês para o português estão sinalizadas entre parênteses angulares.

⁴ CHEN. *Zhōngguó mǐnjān gùshì quánjí* [Contos populares chineses completos].



FIGURA 2: chapéu de tigre com inscrição 王 “rei” na frente.
Fonte: Fengyixuetang.com



FIGURA 3 - Aldrava em forma de tigre.
Fonte: tupian99.com



FIGURA 4 - Recortes de papel em tigre para serem colados nas janelas.
Fonte: <http://ent.sg.com.cn/ent/rdzz/530464.shtml>



FIGURA 5 - Amuleto de jade em forma de tigre.
Fonte: <http://kepu.llas.ac.cn/gb/civilization/zhou/jade/200204110023.html>

ACHADOS ARQUEOLÓGICOS

Nas escavações de sítios arqueológicos, foram achados vasos e máscaras de face humanas com listras de tigre datados de mais dez mil anos, fornecendo evidências para a consideração do felino como totem, ainda anterior ao dragão, criatura mitológica tradicionalmente vinculada como símbolo da China. Cao afirma que “a adoração pelo tigre, indica-o como “ancestral” de tribos primitivas que junto ao felino buscavam proteção para seus membros.”⁵

⁵ CAO. *Shén hǔ zhèn xié* [O tigre divino retém o mal] e WANG. *Zhōngguó hǔ wénhuà yánjiū* [Uma investigação da cultura do tigre na China], p. 8.

Os achados arqueológicos indicam o noroeste, que engloba as atuais províncias de Gansu, Qinghai e Shaanxi da China, habitado pelo povo Jiangrong, como a provável região de origem do culto ao tigre. Os antropólogos explicam que esse povo migrou gradativamente para o sul, em direção às províncias de Yunnan, Sichuan, Guizhou e Guangxi, e, para o leste, em direção à planície central⁶ chinesa. A escavação de uma tumba em Puyang, na província de Henan, datando de cerca de 6.400 anos, se constitui como a primeira comprovação da reverência ao tigre e ao dragão como totem na cultura chinesa, superior aos totens do pássaro, cão, lobo, cervo, búfalo e cobra, entre outros. O corpo de um provável rei foi encontrado entre duas figuras do tigre e do dragão, modeladas por conchas. O felino encontrava-se no lado esquerdo e o dragão, no lado direito. Como na tradição chinesa é conferida maior distinção social a esquerda do que a direita, este achado fornece indícios para a hipótese do status social mais elevado do tigre em comparação ao dragão, pelo menos até por volta de 8.000-5.000 AEC.

O homem primitivo carecia de conhecimentos científicos e procurava respostas para os fenômenos atmosféricos que o cercavam e que não conseguia explicar. Cao entende que a divinização de elementos da natureza foi a resposta encontrada: trovões faziam o homem imaginar que o céu era habitado por divindades associadas ao tigre devido a seu forte rugir, enquanto raios instigavam a imaginação no sentido do surgimento do dragão mítico cuja imagem é baseada no felino: pernas robustas, mas com focinho mais protuberante e rabo mais longo.⁷ He possui outra opinião. Para este autor, o dragão é uma extensão da imagem do totem da cobra, associada à imagem do raio.⁸

O grau de honraria atribuído ao tigre e ao dragão foi se modificando ao longo do tempo. Na dinastia Shang (1.600 AEC – 1.100 AEC), a reverência dada ao tigre e ao dragão ainda era equilibrada em grau. Existem achados em escavações arqueológicas que mostram, em cada lado das tampas dos esquifes, gravuras do tigre e o dragão. As bandeiras também exibiam, em cada face, as figuras do tigre e do dragão, bem como os utensílios de uso diário, com a posição variada: um vaso poderia ter a tampa com a gravura do dragão e os pés gravados com a do tigre, por exemplo. Esses achados arqueológicos parecem dar indícios que tanto o tigre como o dragão possuíam o dom de conexão entre os espaços terrestre e celestial.⁹

Wang observa que a diferenciação entre o dragão e o tigre ocorreu com o maior domínio das técnicas agrícolas e da tecnologia primitiva. Apesar de o tigre suscitar temor, ele é, afinal, um animal que vive nas florestas das montanhas e, com a evolução dos instrumentos de ataque e defesa, o felino poderia ser caçado. O dragão, por outro lado, permanecia envolto em uma atmosfera mágica e intangível: a cada relampear, parecia uma cobra que dançava entre as nuvens, liberando uma luz que ofusca os olhos,

⁶ Região do curso médio e inferior do rio Amarelo, que compreende a província de Henan, o centro da província de Shaanxi, o sul das províncias de Hebei e Shanxi, o oeste da província de Shandong e o sudoeste da província de Jianguo. É tida como o local do surgimento da etnia Han.

⁷ CAO. *Shén hǔ zhèn xié* [O tigre divino retém o mal], p. 8.

⁸ HE. *Túténg wénhuà yǔ rénlèi zhū wénhuà de qǐyuán* [Cultura do totem e a origem da cultura humana], p. 63.

⁹ CAO. *Shén hǔ zhèn xié* [O tigre divino retém o mal], p. 219.

seguida de chuva que irrigava a terra, ou destruía em pouco instantes os vilarejos, as plantações e os barcos.¹⁰

O DECLÍNIO DO TIGRE

De acordo com a revisão da literatura, o dragão ascendeu a uma posição de maior honra quando o primeiro imperador Qin (259 AEC – 210 AEC) unificou a China em 221 AEC. Para consolidar o seu poder político, tomou o dragão como símbolo de sua supremacia sobre os demais seres. O uso desse símbolo se tornou exclusivo do imperador. A representação do dragão foi normatizada e vetada as variações, fato que se perpetuou até o fim do período monárquico (1911) na China. A partir de então, o tigre passou a ocupar o segundo lugar de importância na hierarquia honorífica e a simbolizar o 臣 *chén* [súdito] na cultura chinesa, particularmente a força militar.

Cao justifica essa dicotomia através de uma abordagem que relaciona o homem e a natureza. Como dito anteriormente, tendo em conta a limitação de conhecimentos científicos do período, a percepção do raio ou o relâmpago era o prenúncio de uma possível tempestade que poderia nutrir ou destruir as plantações.¹¹ O antropólogo ainda observa que é comum para as sociedades agrícolas, que dependem de condições climáticas para a sua subsistência, reverenciarem entidades míticas relacionadas aos fenômenos meteorológicos. O céu era tido como inatingível e sagrado, lugar onde pretensamente habitava o dragão, enquanto o tigre encontrava-se nas montanhas e podia ser abatido pelo homem.¹² Segundo o antropólogo, a migração de reverência do totem tigre para o totem dragão dos povos da planície central chinesa foi natural, devido às condições meteorológicas propiciarem o culto ao dragão, senhor das águas. Contudo, visando à hegemonia sobre os povos ou etnias marginais desta região, a *intelligentsia* monárquica teve de tratar de construir a legitimação do poder, através da relação de descendência entre o dragão mitológico e o imperador. Foram reavivadas as lendas da ascensão aos céus do Imperador Amarelo, fundador mítico da etnia Han, montado num dragão,¹³ e da origem do Imperador Fu Xi, primeiro homem mítico, que teria sido gerado a partir da pisada de sua mãe numa pegada de um dragão.¹⁴ Assim, o tigre passou a ocupar o segundo lugar na hierarquia de distinção social, ao ligar-se a natureza impetuosa do animal à hierarquia militar. A outorga do comando das armas era dada pelo imperador através de um artefato em forma de tigre, denominado de 虎符 *hǔfú* [emblema do tigre]. O general que vencera muitas batalhas recebia o título de 虎将 *hǔjiāng* [general tigre], como uma homenagem a sua bravura e os seus descendentes eram reconhecidos como 将门虎子 *jiāngmén-hǔzǐ* [filhos de uma família de tigre]. A lista dos aprovados no sistema imperial de carreira pública era denominada de 龙虎榜 *lónghǔbǎng* [lista do dragão e do tigre / lista de aprovados ao concurso público do imperador].

¹⁰ WANG. *Zhōngguó hǔ wénhuà yánjiū* [Uma investigação da cultura do tigre na China], p. 115.

¹¹ CAO. *Shén hǔ zhèn xié* [O tigre divino retém o mal], p. 223.

¹² CAO. *Shén hǔ zhèn xié* [O tigre divino retém o mal], p. 227.

¹³ *Shānhǎijīng* [O livro da natureza], p. 54.

¹⁴ *Shānhǎijīng* [O livro da natureza], p. 513, 514.

Nas últimas décadas, surgiu a elaboração mística de que os chineses seriam descendentes do dragão. Conforme Wang,¹⁵ por um lado isto pode funcionar como um jargão para a unificação dos chineses na diáspora, mas, por outro, constitui uma meia-verdade, pois, do ponto de vista histórico, a nomenclatura apenas se aplicaria aos descendentes diretos do imperador e contraria a característica multiétnica da sociedade chinesa.

Em função da mística criada, surgiu na imprensa internacional, na década de noventa, o fenômeno do bloco econômico, composto por Hong Kong, Taiwan e Cingapura, entre outros países, que passaram a ser conhecidos como “tigres asiáticos”, em oposição ao “dragão chinês”.

A PRESENÇA DO TIGRE NA ASTRONOMIA CHINESA

Desde a dinastia Xia (2.100 AEC - 1.600 AEC), são realizadas observações celestes sistemáticas na China e, nas dinastias Shang e Zhou (1.600 AEC - 771 AEC), os astrônomos calcularam os períodos orbital e sinódico do sol, da lua e de cinco planetas (Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter, Saturno), relacionados aos cinco elementos terrestres: Água (Mercúrio), Metal (Vênus), Fogo (Marte), Madeira (Júpiter) e Terra (Saturno).¹⁶ Combinaram-se os quatro primeiro planetas citados aos quatro pontos cardeais, identificando-os a quatro animais e cores. Wang Chong (27 – 97 d.C.), filósofo da dinastia Han Oriental, explica que: “O Leste é Madeira, cuja constelação é do Dragão Azul. O Oeste é Metal, cuja constelação é do Tigre Branco. O Sul é Fogo, cuja constelação é do Pássaro Vermelho. O Norte é Água, cuja constelação é da Tartaruga Negra.”¹⁷

A figura 6, abaixo, representa o antigo mapa astronômico chinês, onde pode ser observada, à direita, a constelação do Tigre Branco:

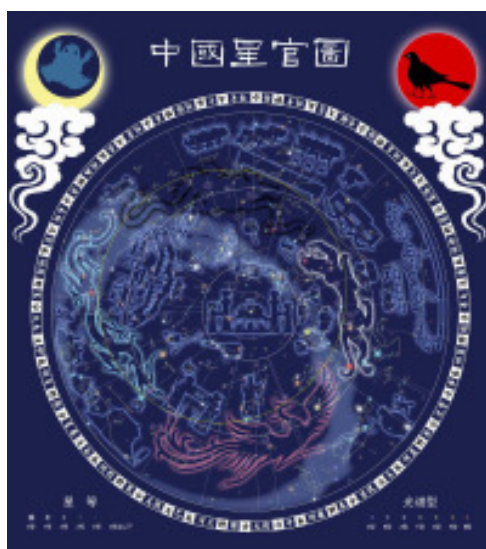


FIGURA 6: Antigo mapa astronômico chinês.

Fonte: <http://hi.baidu.com/jianxihaizei/album/item/1e4a411f239d806cf624e4d5.html>

¹⁵ WANG. *Zhōngguó hǔ wénhuà yánjiū* [Uma investigação da cultura do tigre na China], p. 23.

¹⁶ SIMA. *Shǐjì* [Registros históricos], p. 111.

¹⁷ WANG. *Lùn héng* [Sobre a balança], p. 46.

O filósofo Liu An (179 AEC – 122 AEC), considerado o maior conhecedor da astronomia chinesa do período anterior à dinastia Qin (221 AEC – 206 AEC), afirma que a ligação dos cinco elementos aos pontos cardeais mais ao centro e às estações não é feita por acaso. Cada um dos cinco elementos está relacionado a uma direção e uma estação do ano e eles são os representantes da categoria de entidades que possuem tais características. A constelação do Imperador Amarelo representa o centro, cujo elemento é a Terra, remetendo às terras férteis da planície central chinesa. As características de regeneração e acolhimento são ligadas a esse domínio que, por extensão de sentido, são relacionadas ao Senhor de todas as coisas, ou seja, ao imperador. Como o sol nasce ao leste, as características de crescimento são categorizadas no elemento Madeira, representante do reino vegetal, cuja estação é a primavera; o elemento Fogo está relacionado ao sul, devido ao calor excessivo dessa região geográfica no verão na China; o sol se põe ao oeste e, nesse momento, o céu se torna dourado – daí a associação ao Metal, elemento que possui a capacidade de purificação e de eliminação, associado ao outono. O elemento Água está relacionado ao norte e ao frio, cuja característica é hidratar e levar à penetração.¹⁸

Na dinastia Han (206 AEC – 24 EC), identificaram-se estrelas formando um conjunto de vinte e oito mansões, i.e., constelações. A partir da elíptica, utilizaram-nas para dividir o espaço celeste em doze partes, que serviam de referência para as observações astronômicas. Estas receberam a denominação de doze animais que são conhecidos como o zodíaco (rato, búfalo, tigre, coelho, dragão, cobra, cavalo, cabra, macaco, galo, cão e porco), que se relacionam às doze horas¹⁹ e aos doze meses. O período entre as três e cinco da manhã é denominado de 寅 *yín*, governado pelo tigre e pertence ao elemento Madeira. Por fim, março é o mês do tigre.²⁰

Cao²¹ e Wang²² observam que, do ponto de vista da astronomia chinesa, a presença do tigre como símbolo de um dos pontos cardeais, demarcado em uma constelação celeste (sendo o terceiro signo do zodíaco na astrologia e constante no sistema de contagem de tempo), confere-lhe o mesmo status que o dragão.

A PRESENÇA DO TIGRE NA LITERATURA

No verbete referente ao primeiro trigramma 乾 *qián* [céu] no *Yìjīng* [O livro das mutações] (?900 AEC) consta que:

¹⁸ LIU. *Huáinánzǐ* [O livro do príncipe de Huainan], p. 124.

¹⁹ O sistema chinês para a contagem do dia equivalia a um período de duas horas ocidentais até a dinastia Song (960-1279).

²⁰ WANG. *Lùn héng* [Sobre a balança], p. 47.

²¹ CAO. *Shén hǔ zhèn xié* [O tigre divino retém o mal].

²² WANG. *Zhōngguó hǔ wénhuà yánjiū* [Uma investigação da cultura do tigre na China].

a pessoa se torna uma unanimidade, tal como as mesmas frequências de som se tornam uníssonas, as entidades com as mesmas características se atraem: a água escorre em direção às regiões inferiores úmidas, o fogo é atraído pela aridez; da emergência do dragão das águas ao céu, surgem as nuvens; do rugir do tigre, nasce o vento. Assim, quando surge o sábio de grande qualidade moral, ele é reconhecido por todos.²³

Esta passagem é a referência escrita mais antiga relacionada ao tigre e ao dragão. Liu²⁴ interpreta-a como sendo o dragão uma criatura das águas. Quando a criatura voa aos céus, atrai as nuvens, que pertencem ao mesmo elemento. Por outro lado, a força do rugir do tigre estremece os vales e assim surge o vento. Em outra passagem do livro das mutações diz-se explicitamente que o dragão pertence ao 乾 *qián* [céu], vive entre as nuvens, por isso é 阳 *Yáng* [princípio ativo ou positivo]. O tigre produz vento e vive na terra 坤 *kūn*, por isso é Yin [princípio passivo ou negativo]. Na filosofia taoísta, da combinação das energias positiva e negativa surgiram todas as coisas. Cao²⁵ e Wang²⁶ afirmam que, a partir do corolário taoísta, o dragão e tigre são inseparáveis na cultura chinesa, o que é observável através de inúmeros provérbios ou colocações em que se encontram estes dois termos, para expressar o conceito de vivacidade – por exemplo, 生龙活虎 *shēnglóng-huóhǔ* [dragão vivaz e tigre vigoroso], 龙腾虎跃 *lóngténg-hǔyuè* [ascensão do dragão e salto do tigre], 虎啸龙吟 *hǔxiào-lóngyín* [rugir do tigre e cantar do dragão] – ou para caracterizar pessoas de talento – por exemplo, 龙骧虎步 *lóngxiāng-hǔbù* [trote do dragão e passo do tigre], 龙骧虎视 *lóngxiāng-hǔshì* [trote do dragão e olhar do tigre], 藏龙卧虎 *cánglóng-wòhǔ* [dragão escondido e tigre agachado].

Expressões com o termo tigre denotam características de “imponência e bravura” 雄姿虎威 *xióngzī-hǔwēi*, por exemplo. O ditado “colocar asas no tigre” 为虎添翼 *wèihǔtiānyì* denota somar forças a algo ou a alguém em uma situação já favorável. Porém, nem toda a expressão que contém o termo tigre possui uma conotação positiva. Cao observa que *Lǐjì* [O livro dos ritos], um dos cânones da literatura confuciana, é o primeiro e mais antigo escrito que registra a relação do tigre com a tirania.²⁷ Consta que, durante a passagem de Confúcio e seu discípulo pelo Monte Tai, encontram uma mulher aos prantos ao pé de um túmulo. Ao perguntarem sobre o ocorrido, ela contou que a sua família sempre subsistiu da caça do tigre e que seu sogro e os seus ancestrais tinham todos morrido durante o exercício dessa atividade. Entretanto, seu marido e filho haviam sido acusados injustamente e condenados à morte por não terem aceito o esquema de corrupção proposto por funcionários públicos. Confúcio, ao ouvi-la, comentou que “a tirania é mais feroz do que o tigre”²⁸ (苛政猛于虎也 *kēzhèng měng yǔ hu yě*). Mais tarde, as fábulas com tigres eram subentendidas a partir deste axioma, de onde surgiram 猴吃虎脑 *náochī hǔnǎo* [O macaco dourado que comia cérebro de tigre] e 虎逐麋鹿

²³ *Yijing* [O livro das mutações].

²⁴ LIU. *Huáinánzǐ* [O livro do príncipe de Huainan], p. 121.

²⁵ CAO. *Shén hǔ zhèn xié* [O tigre divino retém o mal].

²⁶ WANG. *Zhōngguó hǔ wénhuà yánjiū* [Uma investigação da cultura do tigre na China].

²⁷ CAO. *Shén hǔ zhèn xié* [O tigre divino retém o mal], p. 6.

²⁸ *Lǐjì* [O livro dos ritos].

hǔzhū-mílù [A corça e o tigre]. São contos que narram que, apesar da “ferocidade do tigre”, a habilidade e a inteligência podem vencer a força.²⁹ Nos dias atuais, a máxima confuciana é ainda produtiva para outras situações como “a inflação é mais feroz do que o tigre” 通胀猛于虎 (*tongzhàng měng yú hǔ*).

De acordo com nossa pesquisa no corpus do Centro da Linguística Chinesa da Universidade de Pequim,³⁰ encontramos mais de cem colocações com o termo tigre. Segundo nossa análise, a conotação pode ser pejorativa ou não, dependendo do contexto. Quando a expressão combina o termo tigre com os termos lobo, cobra e chacal ou com partes do corpo do felino, remete ao sentido de crueldade, ferocidade e perigo, como 虎口拔牙 *hǔkǒu-báyá* [arrancar dente da boca do tigre], entre outras.

O *Shānhǎijīng* [O livro da natureza] reúne registros de geografia, hábitos, costumes, lendas e mitos, datados de antes do período dos Reinos Combatentes (475-221 AEC). A obra é constituída por relatos orais registrados a partir de expedições por toda a China. Os antropólogos He,³¹ Cao,³² Wang,³³ reconhecem a obra como uma importante fonte para os estudos antropológicos, por fornecer indícios da cultura de veneração ao tigre no Oeste chinês, região no entorno da cordilheira montanhosa Kunlun,³⁴ estendendo-se entre as atuais províncias de Xinjiang a Sichuan.

No volume intitulado *Xi shān jīng* [Livro das montanhas do oeste] da obra citada acima, conta-se que no cume da montanha Kunlun reside 西王母 *Xī Wángmǔ* [Rainha Mãe do Oeste], a figura feminina mais importante no panteão chinês. Ela possui aspecto humano, porém tem rabo e dentes de tigre e tem por hábito rugir. A deusa governa as epidemias, catástrofes, massacres e é conhecida como a deusa da morte e do nascimento. Os registros fazem constar que no seu jardim há uma árvore da eternidade, da qual são extraídas essências para produzir as pílulas da imortalidade. No declive da montanha encontram-se dois guardiões: 陆吾 *Lùwǔ*, corpo de tigre com nove rostos humanos, responsável pelas fronteiras dos nove reinos celestiais e pelo jardim da Rainha Mãe do Oeste; 马腹 *Mǎfù*, corpo de tigre e rosto humano, que possui um rugir como o choro de um recém nascido. Costuma banhar-se nas águas, deixando as garras na superfície para atrair a atenção e devora a pessoa que se aproxima. A entrada da montanha na face do sol nascente é guardada pelo 开明兽 *Kāimíngshòu*, que também possui nove rostos humanos, e é conhecido pela sua ferocidade.³⁵ Na mitologia consta que apenas o arqueiro celestial 后羿 *Hòuyì*, conseguiu despistá-lo para encontrar a Rainha Mãe do Oeste e obter as pílulas da eternidade.³⁶ No volume ainda constam várias referências às divindades

²⁹ CAPPARELLI & SCHMALTZ. *50 fábulas da China fabulosa*.

³⁰ Disponível em: http://ccl.pku.edu.cn:8080/ccl_corpus/index.jsp?dir=xiandai (20/12/2011).

³¹ HE. *Túténg wénhuà yǔ rénlèi zhū wénhuà de qǐyuán* [Cultura do totem e a origem da cultura humana].

³² CAO. *Shén hǔ zhèn xié* [O tigre divino retém o mal].

³³ WANG. *Zhōngguó hǔ wénhuà yánjiū* [Uma investigação da cultura do tigre na China].

³⁴ Na cosmogonia chinesa, é onde surgiram todas as coisas e o cume é a morada dos deuses e imortais, onde se localiza o mítico Palácio de Jade de Huangdi, o Imperador Amarelo.

³⁵ *Shānhǎijīng* [O livro da natureza].

³⁶ SCHMALTZ & SCHMALTZ. *Histórias da Mitologia Chinesa*.

meio homem, meio tigre que, do ponto de vista antropológico, constituem indícios de tribos que reverenciavam o tigre como totem no noroeste, oeste e sudoeste chinês.³⁷

Zhànguó Cè [Estratégias dos Reinos Combatentes] e *Hán Fēizǐ* [O Príncipe Han Fei] registram a disputa pela hegemonia chinesa entre 475 – 221 AEC, época de predomínio das fábulas. Essas eram utilizadas como recurso retórico para o fortalecimento da argumentação por filósofos, príncipes e estrategistas, dentre as mais variadas escolas de doutrinas filosóficas, a fim de expor, satirizar ou persuadir alguém em relação a alguma verdade, de maneira implícita para “preservar a face” dos envolvidos. Devido ao uso recorrente, tornou-se um gênero autônomo e muito popular. Muitos de seus títulos se tornaram provérbios e expressões idiomáticas, empregados em larga escala no cotidiano chinês.³⁸ Em *老虎求生* *Lǎohǔ-qiúshēng* [Uma questão de vida ou de morte], é narrada a fábula de um tigre que, ao ser preso numa armadilha, prefere perder sua pata e fugir do que perder a vida. Em *狐假虎威* *hújiǎhǔwēi* [A raposa e o tigre], a fábula remete a um tigre que, por desconhecer seu poder e força, é enganado pela raposa. Em *两虎相斗* *liǎnghǔ-xiāngdǒu* [Tigre versus tigre], narra-se como tirar melhor proveito da briga entre duas feras, sem desperdiçar muito esforço. Por fim, *三人成虎* *sānrén-chénghǔ* [Como um boato se torna realidade] é uma parábola que fala sobre o risco de não se conter um boato, tornando-o uma verdade.

Em *Sūnzǐ bīngfǎ* [A Arte da Guerra³⁹], Sunzi, ao explicar o axioma de não atacar um inimigo forte de frente, utiliza-se de uma metáfora para se fazer melhor entender. Diz que é necessário “fazer o tigre descer da montanha” *调虎离山* *diàohǔ-líshān*, porque na planície, longe de seu habitat natural, ele se torna a tal ponto frágil que pode ser atacado até pelo cachorro *虎落平川被犬欺* *hǔluò-píngchuān bèi quǎn qī* “tigre na planície é atacado pelo cão”. Da mesma forma, se quiser saber onde está localizado o quartel-general do inimigo, “solte o tigre de volta para a montanha” *放虎归山* *fànghǔ-guīshān*, pois ele mostrará o caminho, mas também poderá se transformar em uma futura ameaça.

Tàipíng Guǎngjì [Registros de Taiping] foi organizado por Li Fang *et al.* no terceiro ano do reinado Taiping (978). A obra reúne toda a literatura de cunho sobrenatural e maravilhoso produzida até a dinastia Song (960 – 1279). A obra, de 500 volumes, é organizada em 92 temas, tais como deuses, assombrações, espíritos, animais e criaturas, contos budistas e taoístas, entre outros. Dentre estes, seis volumes e mais de sessenta contos têm como o tema o tigre. Um grande número de narrativas refere-se à metamorfose de homens em tigre, como castigo por sua arrogância ou violência, sendo então condenados a devorar outros homens. Entretanto, mesmo transformados em feras, não cometem atrocidades contra seus pais ou seus filhos. Daí surge o provérbio *虎毒不食其子* *hǔ dú bù shí qí zǐ*, “O tigre é sinistro, mas não come a sua cria”, revelando uma dimensão de limite de crueldade personificada no animal.

É muito provável que *Shuǐhǔ Zhuàn* [Na ribanceira somos todos irmãos], um dos quatro cânones da literatura clássica chinesa, seja a obra com o maior número de

³⁷ CAO. *Shén hǔ zhèn xié* [O tigre divino retém o mal], p. 112.

³⁸ SCHMALTZ. Metáfora conceptual de tempo em fábula chinesa, p. 35.


³⁹ SUN, Wu. *Sūnzǐ bīngfǎ* [A arte da guerra].

referências ao tigre. Há três passagens muito conhecidas. Um episódio iguala a valentia do homem à do tigre: Wu Song, no caminho de casa, bebe dezoito cumbucas de aguardente e, ao saber que o vilarejo estava sob a ameaça de um tigre, resolve eliminá-lo. Ao encontrar a fera no meio do caminho, a mata a socos. A personagem Sun Erniang é referida como 母老虎 *mǔlǎohǔ* [tigresa], termo que possui um significado pejorativo nesta cultura, referindo-se às mulheres muito bravas, mal-humoradas e que dominam a relação matrimonial. Finalmente, o terceiro episódico refere-se a quando Wu Da hesita em capturar um traidor e outra personagem exclama: “Está tendo medo de um tigre de papel?”. A expressão popular é utilizada para se referir a uma falsa ameaça e se tornou famosa em 1946, quando Mao Zedong foi entrevistado quanto ao seu temor diante das tropas nacionalistas e respondeu que eles não se constituíam em ameaça, por serem “tigres de papel”.

Pu Songling (1640-1715), famoso escritor da literatura fantástica e autor de *Liaozhai zhìyì* [Contos extraordinários de Liaozhai], narra, em “O tigre arrependido de Zhaocheng”, a estranha estória de um tigre que, ao devorar o único filho de uma velha, aceita a pena de tomar conta da senhora até a sua morte. Ji Yun (1724-1805), autor de *Yuèwei cǎotáng bǐjì* [Anotações no estúdio de Yuewei], era mandarim e exerceu função pública na província de Xingjiang, oeste chinês, onde colheu várias estórias relacionadas ao tigre. Em “Tang, o caçador”, narra a estória de como a habilidade adquirida pela prática e a experiência pode vencer o maior felino terrestre.⁴⁰ À luz de uma interpretação sócio-política, esses contos parecem somar, à personificação da tirania governamental e ao respectivo “senso de limite de ferocidade” do tigre, narrado em contos de períodos anteriores e citados acima, o “senso de responsabilidade” pelos atos praticados pelo “felino”. Ao povo, exige-se habilidade para lidar com “a fera”.

Este ensaio descreveu a representação simbólica do tigre na cultura chinesa através de um recorte antropológico e literário para demonstrar a importância do felino no modelo cultural chinês. A revisão da literatura indica que a civilização chinesa surge a partir da interação de tribos que reverenciavam principalmente o dragão e o tigre, além de outros entes naturais. O animismo é motivado pelo conhecimento incipiente do homem primitivo em relação aos fenômenos meteorológicos e naturais que o circundavam. De acordo com os achados arqueológicos, em tempos remotos era conferida a mesma distinção honorífica aos dois entes, ou havia uma ligeira superioridade do tigre em relação ao dragão. Entretanto, com o avanço do domínio tecnológico, o tigre se tornou menos ameaçador do que o dragão. Esta criatura mitológica era considerada o senhor dos raios e da chuva – condição climática fundamental da sociedade agrícola que se estabelecia. Assim, quando o primeiro imperador chinês unificou a China como uma nação, o dragão foi tomado como o símbolo de exclusividade imperial até o fim da monarquia. Neste contexto e de acordo com as lendas, o tigre se torna o símbolo favorito do povo, sinal auspicioso contra o mal. Peças de vestuário, acessórios e artefatos são produzidos como amuletos. O tigre, ao se tornar o segundo símbolo em importância na

⁴⁰ SCHMALTZ & CAPPARELLI *Contos sobrenaturais chineses*.

escala de distinção social, passa a representar a esperança de ascensão ao poder, inferior somente à importância do dragão. Por outro lado, o termo tigre, por extensão de sentido, pode ser empregado para desvelar a opressão, ou coisas e eventos perigosos, bem como para descrever ações e pessoas de bravura. Por fim, na língua e literatura chinesas, constata-se muitos provérbios e colocações contendo os termos tigre e dragão, o que, para os antropólogos, sinaliza a relação de complementaridade, que indica o dragão como força positiva ou ativa, *yang*, relacionado ao céu e ao masculino, enquanto o tigre aparece como força negativa ou passiva, *yin*, relacionada à terra e ao feminino. A partir destas forças geraram-se todas as coisas, conforme a doutrina taoísta. Portanto, dragão e tigre são faces da mesma moeda e a existência de um pressupõe a do outro. São entidades com a maior força simbólica dentro da cultura chinesa. 

ABSTRACT

This paper describes the symbolic representation of the tiger in the Chinese culture taking into account anthropological and literary approaches to demonstrate the importance of the feline with a status similar to the dragon, in this cultural model.

KEYWORDS

Cultural studies, tiger, Chinese culture.

REFERÊNCIAS

- CAO, Zhenfeng. *Shén hǔ zhèn xié* [O tigre divino retém o mal]. Beijing: Shehui kexue wenxian, 1998.
- CAPPARELLI, Sérgio; SCHMALTZ, Márcia. *50 fábulas da China fabulosa*. Porto Alegre: L&PM, 2007.
- CHEN, Qinghao. *Zhōngguó mínjiān gùshì quánjí* [Contos populares chineses completos]. Taipei: Yuanliu, 1989.
- HAN, Fei. *Hán Fēizǐ* [O Príncipe Han Fei]. Disponível em: <http://ctext.org/hanfeizi/zh>. Acesso em: 01 de fevereiro de 2012.
- HE, Xingliang. *Túténg wénhuà yǔ rénlèi zhū wénhuà de qǐyuán* [Cultura do totem e a origem da cultura humana]. Beijing: Zhongguo Wenlian, 1991.
- HOLLAND, Dorothy; QUINN, Naomi. *Cultural Models in Language and Thought*. Cambridge: CUP, 1987.
- LI Fang *et al.* *Tàipíng Guǎngjì* [Registros de Taiping]. Disponível em: <http://www.shuku.net:8080/novels/classic/taipinggj/tpgj.html>. Acesso em: 30 de janeiro de 2012.
- Liji* [O livro dos ritos]. Disponível em: <http://ctext.org/liji/tan-gong-ii/zhs#n9720>. Acesso em: 02 de fevereiro de 2012.
- LIU, An. *Huáinánzǐ* [O livro do príncipe de Huainan]. 2. ed. Taipei: Shibao wenhua, 1998.

- LIU, Xiang. *Zhànguò Cè* [Estratégias dos reinos combatentes]. Disponível em: <http://ctext.org/zhan-guo-ce/zh>. Acesso em: 31 de janeiro de 2012.
- SCHMALTZ, Márcia. Metáfora conceptual de tempo em fábula chinesa. *Organon*, Porto Alegre, UFRGS, n. 43, v. 2, p. 35-52, 2007.
- SCHMALTZ, Janete; SCHMALTZ, Márcia. *Histórias da mitologia chinesa*. São Paulo: Livro Aberto/Xerox, 1999.
- SCHMALTZ, Márcia; Sérgio Capparelli. *Contos sobrenaturais chineses*. Porto Alegre: L&PM, 2010.
- Shānhǎijīng* [O livro da natureza]. Haikou: Nanhai, 2007.
- SHI, Nai'an; LUO, Guanzhu (?1300-?1400). *Shuǐhǔ Zhuàn* [Na ribanceira somos todos irmãos]. Beijing: Zhongguo wenxue, 1997, 931 p.
- SIMA, Qian. *Shǐjì* [Registros da história]. Taipei: Dingwen, 1997.
- SUN, Wu. *Sūnzǐ bīngfǎ* [A arte da guerra]. Disponível em: <http://ctext.org/art-of-war/zh>. Acesso em: 30 de janeiro de 2012.
- Yìjīng* [O livro das mudanças]. Disponível em: <http://ctext.org/book-of-changes/yi-jing/zhs>. Acesso em: 05 de fevereiro de 2012.
- WANG, Chong. *Lùn héng* [Sobre a balança]. Wuhan: Universidade Politécnica de Wuhan, 2001.
- WANG, Fenling. *Zhōngguó hǔ wénhuà yánjiù* [Uma investigação da cultura do tigre na China]. Changchun: Universidade Normal do Nordeste, 1998.